Espírito da Verdade - 8 de outubro de 2023 - Nosso Senhor Jesus Cristo

Rezai intensamente pela minha Igreja, a barca de Pedro, que continua a sofrer, nestes tempos, violentos ataques. Releia o que eu, Jesus, disse no Evangelho sobre o que deve acontecer nos últimos tempos, e releia as Cartas de Paulo, meu Apóstolo, sobre o mesmo assunto. Releia também as advertências proféticas que vos foram feitas nestas mensagens a respeito do falso espírito, do falso amor e da falsa caridade, que, cada vez mais, se espalham pela Terra e tentam gangrenar o meu Corpo Místico, que se tornou o corpo a abater «maus» - pais do mundialismo, adeptos de sociedades secretas, até mesmo satânicas, e de movimentos que defendem um ecologismo perverso ou orientações sexuais desviantes.

As duas leituras da Liturgia das Horas deste domingo (1) agradam-me particularmente porque soam muito oportunas.

Em primeiro lugar, no trecho da Primeira Carta de Paulo a Timóteo, o meu Apóstolo, sob a inspiração do Espírito Santo, ordenou ao seu discípulo e filho na fé que proibisse a alguns de ensinar outra doutrina que não a minha (cf. 1 Tm 1, 1-20) Não é esta, porventura, uma advertência intemporal da qual muitos dos meus sacerdotes - e mesmo dos meus Pastores - deveriam sempre recordar-se?

No entanto, acreditando dar à minha Igreja um rosto mais humano e acolhedor, alguns ousam também hoje pronunciar, em nome do meu amor e da minha misericórdia, discursos que se opõem totalmente ao meu ensinamento e ao do Decálogo, fielmente perpetuados pela Tradição desta mesma Igreja. Nesta Carta, Paulo, que ensinava às nações a fé e a verdade para a Vida Eterna, enfatizou que essa injunção visava trazer de volta ao amor que vem de um coração puro, de uma consciência reta e de uma fé sem fingimentos aqueles que se atreviam a errar.

Sei quanto vós, meus pequeninos, que quereis permanecer fiéis a mim, vivendo uma vida de santidade, tendes dificuldade em descobrir as repercussões das iniciativas sinodais, que vêm com violência lançar a confusão nas vossas mentes e nos vossos corações. Pois, entre o retorno que alguns meios de comunicação - que tão habilmente sabem como voltar o ferro à chaga - e as palavras ociosas de alguns dos meus Pastores, que, por sua vez, não fazem mais do que afogar o peixe, enquanto os fiéis esperam deles um mínimo de clareza quando se trata de questões de dogma e de moral, sentis-vos no mínimo oprimidos e desestabilizados.

Eu disse-vos, meus filhos, e digo-o de novo a toda a minha Igreja até ao seu chefe supremo: que a vossa palavra seja «sim» se for «sim», «não» se for «não», porque assim se exprime sempre a verdade: na clareza e na transparência. Tudo o que é mais vem do Mal (cf. Mt 5, 37). E é precisamente isto que deveria sobressair deste último sínodo: a clareza e a transparência em relação às posições assumidas desde o princípio e desde há dois milénios pela minha querida Igreja sobre as questões de dogma e de moral. Pois essas posições são baseadas nas Sagradas Escrituras e transmitidas pela Tradição da Igreja para a unidade na fé - o que significa que elas não podem ser questionadas em nada, nem por ninguém (2).

Esta Igreja, que é o meu Corpo Místico, é santa, e por isso só pode acolher no seu seio pessoas que desejam tomar a sua cruz e seguir-me no caminho da perfeição; pessoas que se comprometem, na comunhão desta mesma Igreja, permanecer, apesar das suas debilidades e das suas pobreza, fiéis ao meu ensinamento e à caridade fraterna, utilizando a oração e os sacramentos para a sua própria salvação e para o bem de toda a comunidade eclesial.

É por isso que, de um lado como do outro, ninguém deve partir em falsas bases nem sequer sobre a menor concessão em que prevaleça a confusão.

Por que, de fato, acusar minha Igreja de discriminar quando cada clube ou associação tem seus próprios critérios de seleção e admissão?

Para os sacerdotes da minha Igreja católica, é claro que, mesmo sob a pressão de argumentos enganosos que os incitam a fazer «acto de caridade» - como foi, infelizmente, o caso da «vacinação» não há muito tempo - não devem, em caso algum, proceder a simulacros de bênção de uniões ilegítimas ou de casais do mesmo sexo (3). Aqueles que se permitem tais transgressões devem primeiro, diante da minha cruz, examinar sua própria consciência em relação à sua vida moral.

Ao contrário, é de bom direito - e mesmo justo e oportuno - que abençoem individualmente estas pessoas se se provar que querem entrar livremente num processo de conversão em que se comprometem, por amor a mim, a viver na amizade e na castidade, abstendo-se de qualquer relação carnal - reservada aos casais - e, a fortiori, daquelas que são ditas «antinaturais».

Finalmente! Trata-se, meus filhos, do meu Corpo Místico, e se ele é de fato uma pessoa que tem legitimamente uma palavra a dizer sobre este assunto, ainda sou eu, seu Senhor!

Não faço senão recordar a todos, sob a pena do meu mensageiro, as instruções que já tendes nas Escrituras, e que a Tradição da minha Igreja reiterou ao longo dos séculos. Na verdade, é a própria recordação destas instruções (cf. Jo 14, 26) que é «acto de caridade», uma vez que dizem respeito não só à vida terrena dos interessados, mas também à sua salvação e eternidade.

Nestes tempos em que mais e mais casais se separam, mesmo que tenham sido unidos pelo Casamento, muitos se permitem conviver com parceiros - primeiro um, depois um segundo, às vezes até um terceiro ou mais, dependendo das circunstâncias, sob o pretexto de que já não se amam, não se suportam mais, ou por outras razões geralmente tão fúteis como as outras. A menos que sejam vítimas de graves problemas psicológicos, ou mesmo psiquiátricos - o que poderia justificar, se eles se uniram diante de Deus, um pedido de declaração de nulidade matrimonial -, esses casais geralmente não foram educados para o amor oblativo, nem à abnegação, nem à fidelidade, nem mesmo a um elementar respeito pelo outro. Muitas vezes, de fato, seus sentimentos são baseados em egoísmo, sensualidade, sensibilidade à flor da pele, sentimentalismo ou lucro. Quanto à sua fé, não tendo sido suficientemente esclarecida ou estando completamente moribunda, é feita de crenças mais ou menos sincretistas ou esotéricas, que dependem sobretudo de sentimentos pessoais em detrimento de um conhecimento sólido das Escrituras e do respeito pelos Mandamentos.

É por isso que todas as queixas extravagantes que remontam às instâncias sinodais não provêm, na verdade, de uma maioria de católicos fervorosos e fiéis à minha Igreja, mas de uma população que, embora batizada, sabe muito pouco sobre a fé e os dogmas; e também de pessoas que se querem mais instruídas mas que, contestando na alma, gostam de protestar e reivindicar direitos em nome de uma liberdade falaciosa, de uma falsa moral, de exigências que afirmam legítimas, e sobretudo de um «amor» posto a todos os molhos que nada têm em comum com aquele que me levou à Cruz para a vossa própria salvação, meus filhos.

Então, minha Igreja deve ceder a todos os seus pedidos - ou mesmo a alguns deles? Se se opõem à fé, aos costumes ou à Tradição, a minha resposta é «não»! Tendo em conta a amplitude do desastre moral revelado por este Sínodo, a minha Igreja deveria antes tomar consciência, nas suas mais altas instâncias, da urgente necessidade de pôr caritativamente em prática estruturas que possam acolher todos estes

pecadores, pelos quais vim (cf. Lc 5, 32), e iniciá-los, sem qualquer hesitação, à Palavra, aos Mandamentos e às exigências da vida cristã. Também é necessário aconselhar aqueles que mais precisam - especialmente as vítimas de vícios de todos os tipos - a consultar profissionais de saúde para ajudá-los a curar suas feridas internas.

Pois eu não vim para integrar à minha Igreja pecadores de todos os tipos que não têm, na realidade, nenhum desejo de conversão. Vim para dizer a esses mesmos pecadores que os amo e que os chamo a unirem-se à minha Igreja, onde são celebradas as bodas do Cordeiro. No entanto, antes de entrar, eles devem ter vestido a roupa branca necessária (4), isto é, ter sido previamente ensinados, purificados e ter renunciado livremente a Satanás, suas flexões e obras. Caso contrário, o Rei não pode permitir que eles participem do banquete de casamento de seu Filho.

Em segundo lugar, lereis, meus queridos filhos, o texto do meu santo Papa Gregório sobre o discernimento que os pastores de almas devem dar provas - sacerdotes, superiores e bispos - nos seus discursos.

Com efeito, sob a acção do meu Espírito, Gregório exorta-os a dizer francamente o que é bom numa linguagem clara que não seja susceptível de ser mal interpretada. Eles também não devem calar a verdade por medo de perder a benevolência dos homens. Porque alguns, demasiado tímidos e insensatos, têm medo de culpar os culpados e preferem prometer-lhes segurança a revelar-lhes a sua verdadeira indignidade.

É por isso que Gregório encoraja os pastores de almas a adotar sem rodeios um discurso de repreensão que faça com que o pecador descubra sua culpa, a fim de melhor instruí-lo. Exorta-os também a subir ao assalto para defender o rebanho, opondo-se às potências deste mundo e resistindo aos adversários desleais por amor à justiça.

Lembro-o novamente, seguindo Paulo: vocês não lutam hoje, Meus pequeninos, contra seres de carne e sangue, mas contra os poderes das trevas - os espíritos do mal - e isso é apenas nunca deixando o escudo da fé e brandindo a espada do Espírito - isto é, minha Palavra, sem acrescentar ou cortar (cf. Dt 4, 2) - que podereis apagar as flechas inflamadas do Mau (cf. Ef 6, 11-17).

Rezemos, portanto, meus queridos filhos, sem desanimar, por aqueles que, entre meus sacerdotes, meus pastores e também minhas ovelhas, se deixam cegar pelas falsas doutrinas, pelo falso amor e pelo espírito do mundo. Tende cuidado com as utopias deste tempo, que são mentiras e quimeras difundidas pelos «maus», que querem infiltrar-se no meu Redil e desviar de mim os seus ocupantes. Colocai as vossas penas e os vossos sofrimentos presentes aos pés da minha Cruz, meus pequeninos, e farei com que eles produzam para vós o seu peso eterno de glória (cf. 2 Cor 4, 17).

Que Deus vos abençoe.

Jesus